

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



TRABALHO E INVISIBILIDADE SOCIAL: reflexões sobre as práticas da mulher catadora de materiais recicláveis em São Luís- MA.

*Diomar das Graças Motta**
*Maria do Carmo Alves da Cruz***

RESUMO

Objetivou-se neste estudo: compreender as práticas relacionadas ao trabalho da mulher catadora de material reciclável em São Luís- MA; identificar o seu perfil e os mecanismos de poder nas relações de trabalho; bem como destacar sua invisibilidade social. A abordagem é qualitativa, considerando-se seus aspectos, através dos aportes teóricos e metodológicos da história oral, e da memória, oriundos principalmente dos estudos de Ecléa Bosi (1994) e Walter Benjamin (1997), entre outros, que possibilitaram o entendimento da temática, juntamente com os que contribuíram nas discussões em torno das relações de gênero. Nos relatos das trabalhadoras, buscou-se os vestígios de seu cotidiano e como elas se veem, sendo integrantes de uma sociedade excludente e preconceituosa. A análise de seus discursos serviu-nos para direcionar a tentativa de compreensão da dinâmica presente na sua prática profissional. Como também, para reflexão sobre o trabalho destas mulheres em sua materialidade, vulnerabilidade, fragilidade e precariedade, neste universo da ocupação, com risco iminente de contrair doenças, exposição aos odores exalados do lixo e, também, a baixa remuneração. Esses fatores associados contribuíram para o processo de invisibilidade social da mulher, trazendo consigo uma série de questões complexas, pautadas em estruturas patriarcais. Do entendimento das relações de trabalho nestes espaços, esperamos contribuir para tornar visível a singularidade das mulheres catadoras em um universo social, adverso.

Palavras-chave: Trabalho. Mulheres Catadoras. Invisibilidade social

1 INTRODUÇÃO

Uma das maiores preocupações da sociedade moderna são os resíduos sólidos. Como tratá-los? Como diminuir sua produção? Essas inquietações têm aumentado significativamente em nível mundial, após a Conferência Rio 92. Para Bloch (1997) é importante o cuidado com a nomenclatura na pesquisa. Assim, inicialmente, neste estudo fala-se em lixo, porém, o termo técnico empregado, a

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



partir do século XIX é resíduos sólidos. Este último, adotaremos de acordo com o momento de nossa contextualização.

As pesquisas sobre a história do lixo destacam, principalmente, o período a partir da Idade Média com o declínio das cidades, mas é possível revisitá-lo, desde a Antiguidade, com os sumérios, conforme Eigenher (2009), até o século XXI. No Brasil, os escravos conhecidos como *tigres* ou *cabungos*, transportavam as imundícies das casas. O responsável por esta tarefa era sempre aquele de menor valor dentre os serviçais do seu senhor, como ressaltam os estudos de Eigenher (2009). Certamente este é o fio condutor do desprestígio, da invisibilidade social, da desvalorização econômica dada a esta função, hoje denominada: catador e catadora de materiais recicláveis.

A indústria do lixo já fora manchete no Jornal do Comércio em 1806, quando naquela ocasião foi feito o seguinte questionamento: “Sabem vosmecês qual a indústria mais curiosa do Rio de Janeiro? A do lixo, com laboratório nas ilhas da Sapucaia e do Bom Jesus. Para ali vão todos os resíduos da grande Capital”. (Jornal do Comércio 5/1/1806 apud EIGENHER, 2009 p.114).

A coleta seletiva, que se tem conhecimento foi implantada no Brasil em 1985, em Niterói, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, em parceria com a Associação de Moradores do bairro São Francisco e com a Universidade Federal Fluminense. Três anos depois Curitiba implantou o sistema.

A discussão sobre esta temática ampliou-se em larga escala após a promulgação da Lei nº 12.305/10, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos e ganhou destaque a questão do estímulo à disposição adequada de resíduos e da reciclagem. Esta, conta com um grupo bastante numeroso de trabalhadores e trabalhadoras, tanto nas ruas quanto nos lixões, organizados ou não em cooperativas ou associações de catadoras e catadores, que sobrevivem, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade social.

Portanto, adentrar o universo dos catadores e catadoras de materiais recicláveis é introduzir-se num campo interdisciplinar, que historicamente se transformou de objetos de discriminação em sujeitos etnopolíticos. Com isto,

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



estruturamos nossa abordagem com ênfase nos seguintes elementos: os resíduos sólidos e o trabalho da mulher catadora.

2 OS RESÍDUOS SÓLIDOS

Nas mais simples atividades humanas, há produção de lixo. Os escritos bíblicos nos mostram que esta prática humana é intrínseca à existência do ser; do nascimento com as placentas e os demais resíduos do parto à morte com nossos restos mortais, produzimos lixo. Conforme, está posto nos seguintes versículos: "Debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa: tempo de nascer e tempo de morrer; tempo pra chorar e tempo pra rir; [...] tempo pra guardar e tempo pra jogar fora; tempo pra rasgar e tempo pra costurar". (Eclesiastes, cap.3.1,2,4,6,7). Portanto, a questão destes resíduos não é um mero modismo, já que é preocupação nas Escrituras Sagradas, há longo tempo.

De acordo com o Censo Demográfico (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE 2010), 387.910 pessoas se declararam catadoras e catadores em todo o território brasileiro. Esse número se aproxima muito do estimado no Diagnóstico sobre Catadores de Resíduos Sólidos realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada - IPEA, em 2013, que apontou um quantitativo entre 400 mil e 600 mil catadoras e catadores, considerado a partir de dados das mais diversas fontes sobre a temática.

O Nordeste concentra 116.528 pessoas desse universo, o que representa 30,6% do total de catadoras e catadores no Brasil. No Maranhão, 7.120 pessoas se declararam catadoras e catadores. Desse total, 70,4% são homens e 29,6% são mulheres. Contudo existe uma desconexão nesses dados, pois muitas mulheres catadoras não se identificam com a atividade, mantendo a identidade de domésticas ou trabalhadoras do lar como trabalho principal.

No que concerne à educação, a taxa de analfabetismo na região Nordeste é muito superior à média nacional, enquanto esta ,segundo a pesquisa do IPEA, em 2013 foi de 20,5%, no Nordeste chegou a 34%. No Maranhão, 35% das catadoras e

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



E através de seus discursos foi possível identificar o perfil das doze mulheres da ASCAMAR. Das entrevistadas, a média de faixa etária é de trinta anos, com escolarização entre o segundo ano do ensino fundamental e o ensino médio completo e incompleto, ao curso de magistério, técnico e auxiliar de enfermagem; todas são chefes de família, com dois filhos em média; declararam-se negras, morenas e pardas. Existe uma variação no tempo de atuação como catadora, entre um ano, a mais recente, e vinte e cinco anos, a que tem mais experiência. A maioria antes de vir para a Associação era diarista, outras garis e, ainda, duas que estavam desempregadas e foram convidadas pelas vizinhas. Todas são oriundas do interior do estado.

Na esfera do trabalho, Rodriguez (2002) aponta para o aumento de um dualismo: de um lado coloca uma margem pequena de trabalhadores qualificados, e, de outro, um número extremamente maior de trabalhadores não qualificados e envolvidos em trabalhos precários, mal remunerados e temporários, sobretudo no setor informal. Esses últimos, por estarem fora ou precariamente envolvidos na esfera do trabalho, acabam por deparar-se com o fenômeno da invisibilidade social.

Na luta por direitos, as aspirações das catadoras são ainda muito básicas para uma sociedade moderna: carteira de trabalho assinada, para ter direito a uma aposentadoria; melhores condições de trabalhos - elas terminam por sofrer acidentes, por não usarem os equipamentos de proteção individual, uma vez que estes materiais são doados, quando não são comprados com os recursos da coleta - terminando por diminuir o percentual de lucro individual.

Assim, o lugar de segregação se constituiu tanto para o lixo, que deve sair do alcance dos olhos e do nariz, perdendo a visibilidade, como para as catadoras (mulheres, excluídas historicamente do sistema formal de produção e consumo como consequência do processo de desenvolvimento social, marginalizadas no território da cidade, inseridas no sistema informal de produção e, ainda mais, trabalhando com o lixo — objeto desprezado pela cidade).

Para Soares (2006), a invisibilidade pode ser entendida como um mecanismo inventado pela sociedade através do qual os indivíduos considerados

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Assim, convém salientar que o trabalho transforma as realidades sociais das pessoas, modifica a visão de mundo e de si mesmas, mas “só existe trabalho quando a ação e o produto da ação são projetados conscientemente por quem trabalha” (RAMOS, 2010, p. 96). Ambos são inseparáveis da condição de existência dos indivíduos e da produção da vida humana, ajudando o homem a produzir sua própria vida, compreendendo o mundo e adaptando-se às necessidades humanas (Saviani, 1994).

Segundo Arendt (1975), desde a Grécia Antiga, a mulher teve uma trajetória marcada pela desvalorização, pois, inserida no espaço privado, deveria se ocupar das tarefas domésticas e da sobrevivência da espécie. A historiografia relata os espaços públicos entendidos como próprios do homem. Estes espaços, proibidos às mulheres, foram conquistados nos processos de lutas e resistências destas, buscando suprir suas necessidades ainda no século XIX. A autora toma por base a cidade, por ser a maioria da população camponesa no citado período. A esse respeito, Perrot (1998, p.37) explicita:

No século XIX, as mulheres se mexem, viajam, migram quase tanto quanto os homens, atraídas pelo mercado de trabalho das cidades onde acham emprego principalmente como empregadas domésticas. Essas cidades, que as chamam sem realmente acolhê-las empenham-se em analisar a desordem potencial atribuída à coabitação entre homens e mulheres. Daí uma segregação do espaço público. Existem lugares praticamente proibidos às mulheres, políticos, judiciários, intelectuais e até esportivos. Na cidade, espaço sexuado, vão, porém se deslocando, pouco a pouco, as fronteiras entre os sexos.

Portanto, a sociedade vai determinando o agir e o pensar masculino e feminino, sendo que é no convívio com os grupos sociais que os sujeitos vão construindo suas identidades, aprendendo comportamentos, atitudes, relacionamentos, atividades e papéis. Isto porque:

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade: é ele quem constrói a

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



BRASIL. Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010. Estabelece a Política nacional de resíduos sólidos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2007-2010/2010/lei/l12305.html>. Acesso em: 14/09/2014.

EIGENHER, Emílio Maciel. **Lixo urbano**: a limpeza urbana através dos tempos. 2009. Disponível em: <http://www.lixoeducacao.uerj.br/imagens/pdf/ahistoriadolixo.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.

GONÇALVES, Raquel de Sousa. Catadores de Materiais Recicláveis, trabalhadores fundamentais na cadeia de reciclagem do país. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 82, São Paulo, jul. 2005.

IBGE. Censo 2010: população por município. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_maranhao.pdf. Acesso em: 14 set. 2014.

MALIGHETTI, Roberto. 2007. **O quilombo de Frechal**: identidade e trabalho de campo em uma comunidade brasileira de remanescentes de escravos. Brasília: Editora Senado Federal, 2007.

MENDES, Mary Alves. Mulheres chefes de família: entre a sobrevivência e a autonomia. **Revista Fragmentos de Cultura**. Goiânia: IFITEG, v.12, n. 6, nov./dez., 2002.

MOTTA, Diomar das Graças. Mulheres professoras maranhenses: memória de um silêncio. **Educação & Linguagem**, ano 11, n. 18, p. 123-135, jul./dez. 2008.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998. Tradução Roberto Leal Ferreira.

